A constituição identitária de uma educadora ambiental: análise de um projeto de intervenção desenvolvido em uma escola municipal de Florianópolis[1]

Patrícia das Chagas[2]

Resumo

Este artigo apresenta uma análise reflexiva sobre o desenvolvimento de um projeto de educação ambiental, reconhecendo-a como tema transversal tal como preconizam os parâmetros curriculares nacionais. Ao historicizar e analisar o projeto de intervenção "Plantio de árvores: uma oportunidade de arborização na Escola Básica Municipal Batista Pereira", esta pesquisa buscou também realçar aspectos ligados à constituição identitária da educadora ambiental que o conduziu, enquanto professora do quarto ano dos anos iniciais do ensino fundamental. Para alcance dos resultados e análises dos mesmos, esta pesquisa foi norteada pela abordagem qualitativa (ANDRÉ, 2007) e pela metodologia do estudo de caso (YIN, 2001). Para discussão dos resultados da pesquisa, os referenciais que permearam a análise dos dados incluíram o estudo dos conceitos de educação ambiental (REIGOTA, 1995; BRÜGGER, 1999; LOUREIRO, 2007; SEGURA, 2001) e identidade docente (GUEDES-PINTO; GOMES e SILVA, 2008, SILVA, 2014, SAMPAIO; WORTMANN, 2014). Os resultados da pesquisa indicam que a experiência do projeto de intervenção investigado caminhou numa perspectiva de educação ambiental crítica e transformadora, contribuindo para constituição identitária da professora que conduziu o processo, na medida em que possibilitou perceber que a trajetória foi modificada e aprimorada a partir das interações, vivências, conhecimentos, valores e percepções na área ambiental. As relações estabelecidas com os outros sujeitos que participaram do processo e com o espaço vivenciado, também sofreram modificações a partir do processo de ação-reflexão-ação vivenciado a partir dessa experiência culminando numa prática de educação ambiental transformadora.

Palavras-chave: Identidade docente, Educação Ambiental, Projeto de intervenção.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem a intenção de historicizar minha trajetória pedagógica como professora (educadora), a partir do trabalho desenvolvido com uma turma de trinta e seis estudantes, do 4º ano do Ensino Fundamental, em um projeto de arborização desenvolvido na Escola Básica Municipal Batista Pereira, localizada em Florianópolis, no bairro do Ribeirão da Ilha, no ano de 2014.

---

[1]Este artigo é resultado do Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Educação Ambiental com Ênfase na Formação de Professores. Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC Câmpus São José, orientado pelas professoras Paula Alves de Aguiar e Giselia Antunes Pereira.

[2] Estudante do Curso de Especialização em Educação Ambiental com Ênfase na Formação de Professores do Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC Câmpus São José.

Como professora admitida em caráter temporário (ACT) pela secretaria municipal de educação (SME) em Florianópolis\SC desde 1993, tive a oportunidade de trabalhar em muitas escolas da rede. O contrato temporário dificilmente nos possibilita dar continuidade na mesma instituição no ano seguinte, o que dificulta e, por vezes, inviabiliza a continuidade dos projetos idealizados e vivenciados pelo coletivo ou individualmente.

Trabalhar há tantos anos como ACT, na minha perspectiva, teve algumas perdas econômicas, porém quanto ao aspecto pedagógico, político e social, foi relevante. Oportunizou-me experimentar diversas realidades, metodologias e parcerias indescritíveis, as quais contribuíram significativamente para a minha constituição identitária.

Um desses encontros indescritíveis e que apresentam significativos reflexos na minha formação como educadora ambiental, se deu em 2014 na realização do projeto "Plantio de árvores: uma oportunidade de arborização na Escola Básica Municipal Batista Pereira". Algo que a princípio seria muito simples, como plantar algumas mudas de plantas no pátio da escola, tornou-se uma sequência didática para cinco meses de trabalho que, através da metodologia interdisciplinar, embasada na concepção histórico cultural, nos possibilitou a transversalidade de conteúdos relacionados ao meio ambiente.

Definido pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), o meio ambiente se destaca na transversalidade, como um dos temas ligados intrinsecamente a todos os outros. Tal particularidade, permite ao processo de ensino e aprendizagem, não só a compreensão dos conhecimentos científicos sobre meio ambiente, natureza, ecologia, etc, mas contextualiza e amplia o desenvolvimento interdisciplinar e /ou transdisciplinar na perspectiva da Educação Ambiental.

Nesse processo dos contributos para a minha constituição identitária como educadora ambiental, destaco minha trajetória na licenciatura, na qual a educação ambiental já era abordada como uma possibilidade de ser desenvolvida metodologicamente via projeto de intervenção. De lá para cá, percebi que a cada atividade realizada nas escolas em que atuei, nos 25 anos de magistério, que o meu interesse aumentava para novas pesquisas relacionadas à temas ambientais.

É oportuno que as práticas pedagógicas, concepções, metodologias, projetos, entre outras ações na docência, sejam ações de todos os profissionais da instituição educativa, principalmente na construção do conhecimento para a conscientização da

educação ambiental às sociedades sustentáveis, pois “o objetivo final da educação para o ambiente é conseguir mudanças de atitudes que não serão efetivas se não vierem acompanhadas de mudanças de hábitos/comportamentos” (TOMAZELLO; FERREIRA, 2001, p. 202).

A pesquisa e a historicidade da minha trajetória profissional e pessoal como professora mediadora no projeto de arborização em 2014, se justificou por partirmos do pressuposto que as identidades não são fixas ou estáveis, mas são desenvolvidas a partir dos processos interativos que vivenciamos e das marcas a que atribuímos significados e sentidos (SAMPAIO; WORTMANN, 2014).

No projeto analisado, foi perceptível o investimento no processo de ensino e aprendizagem, o qual ocorreu para os estudantes e para mim também. Mesmo que naquela altura, apesar da intencionalidade pedagógica em vista, ainda faltava o auto reconhecimento da minha função como educadora ambiental.

Contudo, a oportunidade de historicizar e analisar esse projeto de intervenção como pesquisa em fase final do Curso de Especialização em Educação Ambiental com ênfase em formação de professores do IFSC-SJ, possibilitou que eu adquirisse instrumentos científicos para afirmar que o trabalho pedagógico desenvolvido, foi fundamental para o meu processo de formação.

O meu conhecimento sobre educação ambiental no momento da realização do Projeto de Arborização era restrito, porém o mesmo não inviabilizou a motivação para esta ação pedagógica, pelo contrário, houve um estímulo na busca de leituras diversas e práticas interdisciplinares para dar respostas a inquietações principalmente dos estudantes. Mesmo diante das fragilidades, essa trajetória trouxe em suas potencialidades uma visão de meio ambiente que muito se aproxima da perspectiva defendida por Reigota (2014. s/p.), em que o meio ambiente é um lugar percebido “[...] onde aspectos naturais e sociais estão em relações dinâmicas e interações constantes que acarretam processos de criação cultural, tecnológica, históricos e políticos de transformação da natureza e da sociedade”.

Foi um fazer diferenciado, onde eu como professora e os estudantes construímos a proposta juntos, oportunizando a continuidade e a ampliação do projeto, a inserção de outros sujeitos e saberes (professores e disciplinas), instigando o retorno investigativo. Esta investigação posterior sobre o projeto de arborização buscou a confirmação do que se fez na escola, pois investigar as atividades pedagógicas e pesquisas atingiu o objetivo de serem práticas de educação ambiental transformadora.

A pesquisa que originou esse artigo teve como objetivo geral investigar um projeto de intervenção de arborização realizado na Escola Básica Municipal Batista Pereira, realizado em 2014, partindo da compreensão das influências deste na comunidade educativa e sua relevância na conscientização de educação ambiental dos educadores e dos estudantes. A partir desse objetivo, foram organizados os objetivos específicos que consistiram em: 1)-historicizar a origem e o desenvolvimento do projeto "Plantio de árvores: uma oportunidade de arborização na Escola Básica Municipal Batista Pereira"; 2)-analisar uma experiência de educação ambiental que partiu dos sujeitos nela envolvidos dando visibilidade aos seus resultados; 3)-perceber qual a influência da participação nesse projeto no meu processo de constituição como educadora ambiental.

Além das razões apontadas para tornar o referido projeto objeto de estudo desta pesquisa, para entender qual a relevância da intervenção para o público daquela época, também importou investigar que transformações ocorreram ao longo desse período, relacionadas ao projeto, pois:

> toda inquietação de voltar a esta temática, mesmo depois do tempo de distanciamento dela, está relacionada à motivação de querer motivar outros profissionais principalmente da educação a terem um olhar mais aguçado para a destruição do meio ambiente, mas que há solução quando as pessoas se conscientizarem que o ambiente não é algo à parte, separado, da sua vida, mas sim a sua própria vida e portanto para você viver realmente com qualidade precisa urgente de uma mudança, de uma consciência, de preservação, de reciclagem, de cultura alimentar, enfim cuidar do outro, significa ter a oportunidade de cuidar de você (Memorial acadêmico, Patrícia - 30/07/2017).

Diante do exposto, esta pesquisa tem a intenção de verificar a importância do desenvolvimento de uma prática pedagógica de educação ambiental para a formação da conscientização dos sujeitos nela envolvidos, mas também a compreensão sobre a formação de minha identidade como educadora, a qual teve significativas mudanças nesse processo interativo. Como salienta Woodward (2014, p, 39) "[...] a identidade importa porque existe uma crise de identidade, globalmente, localmente, pessoalmente e politicamente", permitindo mesmo que de forma tardia e morosa mudanças nas ações pedagógicas dos profissionais da educação sejam perceptíveis.

Embora não exista a obrigatoriedade do trabalho pedagógico com educação ambiental, a apresentação do tema sobre meio ambiente como conteúdo transversal oportuniza mediações com outros conhecimentos, através de metodologias e atividades pedagógicas. Os aprendizados de convivência cotidiana sobre o meio ambiente a partir

do momento que eles passam a ser trabalhados em esferas educativas, vão se democratizando e a conscientização de comportamentos rudes, ilimitados com a natureza, iniciam um processo de desmistificação na busca da formação permanente sobre a importância de conservação e ou preservação do meio ambiente onde indivíduos e naturezas se completam, por acreditar que:

> No centro da crítica da identidade e da diferença está uma crítica das formas de representação. Não é difícil perceber as implicações pedagógicas e curriculares dessas conexões entre identidade e representações. A pedagogia e o currículo deveriam ser capazes de oferecer oportunidades para que as crianças e os\as jovens desenvolvam capacidades de críticas e questionamentos dos sistemas e das formas dominantes de representação da identidade e da diferença (SILVA, 2014, p. 91-92).

A compreensão desse processo de constituição identitária como educadora ambiental torna-se fundamental para que a organização e o planejamento pedagógico se efetivem e promovam a sociabilidade entre indivíduos e atitudes positivas para com o planeta. Essa "[...] perspectiva ambiental consiste num modo de ver o mundo no qual se evidenciam as inter-relações e a interdependência dos diversos elementos na constituição e manutenção da vida" (BRASIL, 1998, p. 173).

Neste contexto algumas problematizações surgiram: Como aconteceu o projeto "Plantio de árvores: uma oportunidade de arborização na Escola Básica Municipal Batista Pereira?; Será que as intervenções planejadas e desenvolvidas em 2014, oportunizaram a continuidade de ações multidisciplinares em transformações positivas?; Como um professor pode se considerar um educador ambiental?; Quais processos e atividades definem essa especificidade?; Qual a importância da educação ambiental para desmistificação e transformação da consciência ambiental nos sujeitos envolvidos no projeto?

A partir desses questionamentos, este artigo está organizado em quatro seções. A primeira é a introdução; a segunda é denominada de caminhos da pesquisa, onde descrevo os procedimentos metodológicos adotados; a terceira é dividida em três partes, uma denominada de plantio de árvores: uma oportunidade de arborização em uma escola municipal de Florianópolis, na qual historicizo a experiência do projeto; a outra denominada de educação ambiental: construindo cidadania, parte em que discuto os conceitos de educação ambiental que nortearam o projeto investigado; na parte seguinte denominada de educação ambiental e identidade docente, discuto sobre as relações entre

educação ambiental e o processo de constituição da identidade dos professores, em especial a minha como educadora responsável pelo projeto que deu origem a investigação descrita neste texto; por fim, apresento as considerações finais.

2 CAMINHOS DE PESQUISA

Para alcançar os resultados e análises pretendidos, a pesquisa foi norteada pela abordagem qualitativa (ANDRÉ, 2007) e pela metodologia do estudo de caso (YIN, 2001). Buscou-se discutir questionamentos sobre a práxis pedagógica, como formadora da identidade docente, na construção do conhecimento científico relacionado com as questões da educação ambiental e o cotidiano dos sujeitos sociais, para compreender as diversas ações e relações dos indivíduos com e no ambiente da sociedade contemporânea.

Foi adotada a pesquisa qualitativa, pois segundo Tarin (1994 apud TOMAZELLO; FERREIRA, 2001, p. 200), "se adotarmos processos de avaliação mais rígidos e quantitativos, correremos o risco de prescindir de elementos que melhor caracterizam a educação ambiental", principalmente por se estar analisando um caso específico do cotidiano de um processo educativo de educação ambiental. Buscou-se compreender se essa prática foi significativa e representativa no contexto social. Partiu-se do pressuposto que a persistência do trabalho pedagógico fundamentado traduz reflexões sobre o processo de ensino e aprendizagem, evitando o espontaneísmo.

A respeito da pesquisa qualitativa, de acordo com Zwierewicz (2014, p. 25), "procura interpretar e atribuir significados aos fenômenos", que neste caso se atrelou aos valores e as ações coletivas mobilizadas pelo projeto de intervenção em questão e a sua influência no meu processo de constituição identitária (ANDRÉ, 2007).

A abordagem de pesquisa em educação indicada, pretende contribuir para analisar o caso do estudo que se constitui no projeto de intervenção "Plantio de árvores: uma oportunidade de arborização na Escola Básica Municipal Batista Pereira", desenvolvido e aplicado por mim como professora e pela colaboradora[3] do projeto, supervisora Fernanda. Apesar de outros profissionais terem participado do projeto, por diferentes motivos, não foi possível entrar em contato com eles para a realização de entrevistas nesta pesquisa.

---

[3]Fernanda Aparecida de Oliveira - optamos por apresentar os nomes reais dos sujeitos envolvidos na recolha de dados da pesquisa, pois as mesmas autorizaram. Considerou-se interessante essa identificação uma vez que elas foram parceiras do processo e com isso suas ações no projeto ficam valorizadas. Elas autorizaram o uso dos dados via termo de livre consentimento e esclarecido.

Optou-se por entrevistar a supervisora Fernanda, a partir de uma entrevista compreensiva denominada também de semi-estrutura (ZAGO, 2003), pois por ter participado da pesquisa e permanecido na escola, poderia trazer significativos dados do processos a partir de um olhar diferente do meu, além de poder relatar os efeitos do projeto a longo prazo. Como eu tinha um bom relacionamento com a entrevistada, esse processo ocorreu de forma tranquila e fluida. Zago (2003) afirma que os bons resultados de uma pesquisa normalmente estão mais relacionados com a questão dos entrevistados terem confiança em quem faz as perguntas, do que nos processos de técnica de condução desse instrumento de pesquisa.

Na busca de dados para esta investigação, almejando rememorar e compreender as práticas pedagógicas de educação ambiental vivenciadas, retomei os arquivos que possuía sobre o processo de elaboração e desenvolvimento do projeto, realizando uma análise documental a partir de diferentes fontes e arquivos (ZWIEREWICZ, 2014). Esses documentos foram os registros pessoais e escolares sobre os processos vivenciados, semelhantes aos diários de campo; o projeto construído coletivamente na escola e as imagens registradas durante o processo de elaboração das atividades.

Ciente das limitações do método e, sem a pretensão de querer assegurar a homogeneidade dos resultados, este estudo traz para discussão preceitos de uma educação ambiental crítica transformadora. Envolve universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, "[...], dessa forma [...] corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis." (MINAYO, 1992, p. 23 apud ZWIEREWICZ, 2014, p. 35).

Esta investigação almejou, portanto, compreender e difundir uma prática de educação ambiental realizada no microcosmo das práticas educativas, dando visibilidade a ela, problematizando-a e buscando dar significado às diferentes vozes que constituíram o processo. Para tanto, foi importante a organização dos diferentes instrumentos de pesquisa, visando possibilitar a construção do conhecimento e a consequente democratização desse saber elaborado no cotidiano escolar.

3 PLANTIO DE ÁRVORES - UMA OPORTUNIDADE DE ARBORIZAÇÃO EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS

Na busca por historicizar elementos que descrevam como se deu a origem do projeto de intervenção de educação ambiental em análise, acredito ser pertinente explicitar como se deu sua construção. Este projeto que, entre os objetivos de transformação da paisagem, teve como foco principal mediar o conhecimento para a aprendizagem da conservação do meio ambiente e da preservação crítica e consciente. Na sequência, busquei verificar se a educação ambiental esteve de fato presente em todas as ações pedagógicas vivenciadas.

A descrição sobre o desenvolvimento do projeto chama atenção para a questão da realidade geográfica de como era o pátio da escola onde ele foi aplicado, antes que a mesma fosse construída ou na sua fundação em 1957. Em benefício da ampliação de uma estrutura física para o atendimento de estudantes, deixou-se de priorizar a conservação dos espaços verdes. Ao observar a estrutura física da escola, ficava visível que o cuidado com a arborização não foi o foco do projeto na altura da reforma escolar.

Essa forma como a construção foi desenvolvida, gerava calor nas salas de aulas. Nos espaços utilizados para as aulas de educação física, era insuportável o calor, pois não se tinha os equipamentos elétricos adequados (ar condicionado e/ou ventiladores de teto), dessa forma, a estratégia para superar essa dificuldade foi organizar o plantio de árvores nativas para diminuir o calor exagerado.

Após essa breve explicação sobre a estrutura física da escola em que o projeto foi realizado, cabe comentar também um pouco de minha trajetória profissional até o início do projeto. As memórias da experiência vivenciada são singulares, por terem relação com minha trajetória de vida e meu processo identitário, mas são também plurais, coletivas e sociais, pois refletem na história e no modo de viver daquela comunidade educativa naquele contexto. Nesse sentido, corroboro com Guedes-Pinto; Gomes e Silva (2008, p. 34) ao afirmarem que “as memórias de cada um são construídas no encontro com os seus vários outros, são construídas socialmente”. O que destacarei neste texto não é algo pronto, estático e acabado sobre o que aconteceu naquela experiência, mas é uma possível versão da realidade, a partir de minhas memórias, meus registros. Esses possibilitam reconstruir aquele momento a partir do olhar e da identidade como educadora que tenho hoje, ainda que transitória, a qual foi construída também por esses processos interativos vivenciados (GUEDES-PINTO; GOMES E SILVA, 2008).

Sobre minha trajetória profissional que influenciou diretamente na minha constituição identitária como educadora ambiental, inicio o relato em 1994, fazendo

menção à formação no curso do magistério do ensino médio. Fui trabalhar na EBM Batista Pereira, na localidade do Ribeirão da Ilha, na cidade de Florianópolis. Local em que posteriormente viria a construir o projeto analisado. Nesse período iniciei com uma turma do 2º ano do ensino fundamental.

Na época a escola estava com um grande problema de reprovação e, consequentemente, de evasão escolar, motivo pelo qual havia um grupo de professores preocupados em encontrar uma solução para o problema. Fato que viabilizou um projeto de alfabetização na concepção histórico cultural embasado nos estudos do psicólogo e pesquisador Lev Semyonovich Vygotsky.

No mesmo período não houve interesse da maioria dos professores, pois a participação no projeto estabelecia o vínculo de período integral (40h), porém perderiam uma parte da regência de classe, porque no outro período os professores(as), não estariam com os estudantes e sim estudando a concepção histórico-cultural de Vygotsky e preparando materiais didáticos específicos para os estudantes do projeto de alfabetização

Eu queria muito aprender, dessa forma fui convidada a participar do projeto, com durabilidade de dois anos. Essa experiência foi um grande incentivo para eu continuar estudando e investindo na escolha profissional. Posteriormente me formei em História pela Universidade Federal de Santa Catarina e em Pedagogia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, resultando em muitas vivências, tanto no âmbito da formação inicial quanto no âmbito da iniciação à docência.

Foi então que regressei à escola Batista Pereira em 2014. Nesse período a escola estava bem modificada com as diversas reformas realizadas, além do aumento no número de estudantes e de profissionais. A escola já possuía espaços físicos amplos, ginásio esportivo, um pequeno pátio de cimento, mas continuava sendo visível a ausência de investimento voltado à preservação da natureza naquele espaço. Para que pudessem ampliar o espaço físico da escola, foi preciso aterrar áreas de pasto e deságüe de nascente o que ocorria também com outras construções em função da lógica do turismo e da especulação imobiliária.

O aterramento impactou no solo dificultando a fertilidade para o plantio de árvores. A solução viabilizada por vários gestores, conforme seus depoimentos na época registrados em diário de campo, foi o investimento em ventiladores e aparelhos de ar-condicionado, porém precisavam de contínua manutenção. Além disso, nos espaços fora das salas de aula, o calor continuava e o solo danificado inviabilizava o plantio.

Nos outros espaços da escola, como quadra para educação física, parque recreativo infantil e pátio do anexo de madeira com sala de aula, era difícil permanecer em dias de sol intenso. O calor causava um desconforto térmico aos estudantes, prejudicando o desenvolvimento cognitivo e lúdico das atividades pedagógicas no processo de alfabetização e letramento.

A supervisora Fernanda ressaltou em entrevista a dificuldade de as crianças terem aulas naquele local quente e salientou que algumas delas não poderiam ficar muito tempo expostas ao ar-condicionado, o que reafirma a relevância do projeto.

> O projeto propiciou um espaço mais agradável para as crianças terem aula. O verão tem se apresentado cada vez com temperaturas mais elevadas, a solução imediata sempre é o caminho mais fácil, o tal adorado ar-condicionado, porém nem todos podem ficar expostos ao ambiente climatizado através do aparelho, o mesmo tem a tendência de ressecar as narinas, quem possui rinite alérgica, por exemplo, não pode permanecer todo o momento sob o efeito do aparelho, plantar árvores possibilitou pensar não somente no hoje e sim também no amanhã (Entrevista, Fernanda - 25/04/2018).

A minha docência em 2014 foi com uma turma de 24 crianças do 1º ano do ensino fundamental, entre tantas razões para a construção do projeto de arborização já descritas, um fato em especial marcou o processo de construção definitivo do projeto de educação ambiental intitulado: “Plantio de árvores: uma oportunidade de arborização na Escola Básica Municipal Batista Pereira?”, o qual é objeto de análise desta investigação.

Em um dia de calor intenso, após os estudantes chegarem da aula de educação física, cansadas e suadas, eu, como professora da turma, permitir que as crianças de 5 a 7 anos que tivessem com muito calor e quisessem, ficassem sem camisa.

No dia seguinte, fui chamada para uma reunião com a equipe pedagógica, pois havia reclamação de alguns pais, especificamente de um avô, que contestava que as meninas não poderiam ficar sem camisa, mesmo sem nenhum regimento específico sobre a proibição desse comportamento.

Dessa forma, tornava-se ainda mais urgente a busca de solução para o problema de calor intenso naquele espaço educativo, além da necessidade de problematizar as questões de gênero que, neste caso, estavam latentes ao currículo dessa comunidade escolar. O currículo pode tanto se abrir para possibilidades inclusivas, como se fechar para as mesmas, corroborando então com ações excludentes tão criticadas pela corrente de estudos do currículo multicultural. Nesse mesmo sentido, “em relação ao currículo, o

multiculturalismo aparece como movimento contra o currículo [...] que privilegiava a cultura branca, masculina, europeia e heterossexual, ou seja, a cultura do grupo social dominante" (HORNBURG; SILVA, 2007, p. 4).

Apesar das questões de gênero que atravessam a discussão do currículo não serem objeto de aprofundamento deste estudo, foi importante retomar esse episódio, pois ele estava carregado de valores estabelecidos no cotidiano escolar e pela comunidade envolvida, dos quais também estavam intrinsecamente relacionados às questões de educação ambiental pela questão dos valores atribuídos às relações constituídas.

Quando estava tudo pronto para iniciar o projeto com a turma do 1º ano escolar, foi sugerido que eu trocasse de turma. Com o afastamento de licença maternidade da professora do 4º ano, eu assumi as turmas 41 e 42, e em maio de 2014, comecei um novo planejamento pedagógico, inserindo o projeto de Arborização na EBM Batista Pereira.

Antes de iniciar este projeto, a supervisora da escola Fernanda, que foi entrevistada nesta pesquisa, fez-me um convite para realização de outro projeto indicado pela SME - (Secretaria Municipal de Educação). No mês de agosto, a cidade de Florianópolis, realiza a "Fenaostra" para divulgação dos moluscos cultivados na ilha, mais especificamente no bairro do Ribeirão da Ilha, como mariscos e ostras, onde está localizada a escola.

Pela segunda vez estava adiando o projeto de arborização, porém participar do projeto do "cultivo de moluscos" me inspirou, incentivou, pois houve aprendizado sobre a cultura da localidade, paisagens preservadas e ou danificadas, e o mais interessante, a oportunidade de um contato direto com a comunidade de pescadores e familiares. A participação da família na escola não é algo que possa ser garantido apenas por questões legais, é uma processo de amadurecimento, de construção e aprendizado sobre os processos democráticos e só terá resultados duradouros a partir da modificação das práticas dos sujeitos envolvidos com o processo de educação escolar. A escola pode ser um local onde a democracia e a participação sejam aprendidos, trazendo reflexos para a sociedade em que essas pessoas estão inseridas. Como afirma Marques (2011, p. 1) "A escola é um dos espaços onde a democracia pode tomar concretude".

Para a realização do projeto de arborização na escola era necessário conquistar outros profissionais e estudantes, em diálogos individuais. A participação das famílias também era muito importante nesse processo. Havia comentários que outros professores

tinham pensado e até iniciaram um projeto de horta escolar, mas não houve adesão da escola. Numa conversa com a diretora, a mesma confirmou a dificuldade de se plantar árvores na instituição.

A falta de parcerias iniciais não desmotivou a realização do projeto, era uma experiência que eu precisava realizar, a dificuldade para compra de novos aparelhos de ar condicionado e ventiladores impulsionou a sua realização. Toda essa trajetória de recuo, foi o tempo ideal para planejar, organizar e colocar em prática o projeto. As relações que extrapolam o currículo formal e prescrito dentro da escola nem sempre ocorrem de forma intencional ou que possa ser prevista anteriormente. Considerando a autonomia relativa desses espaços educativos, é possível perceber que esses "não deixam de oferecer limites e, ao mesmo tempo, propiciar condições para o desenvolvimento de condutas, rotinas, crenças, costumes, valores, que perpassam as relações sociais na escola" (PARO, 2007, p. 4).

A metodologia interdisciplinar das "Assembleias Educativas", que também ocorreu nesse período, em que o grupo de estudantes se reunia com professoras para discutirem assuntos diversos e polêmicos, contribuiu para resolvermos através dos diálogos nossos conflitos, dúvidas e avaliarmos nosso processo pedagógico. Os projetos de intervenção, como o que foi analisado, exigem a integração entre os diferentes sujeitos que compõe o espaço escolar, que podem se assemelhar ao que ocorre em instituições que trabalham na perspectiva do currículo integrado.

> Um dos grandes diferenciais do currículo integrado é o fato de ser uma construção recente para muitos educadores e instituições. Isso requer que haja clareza no que está sendo feito, dos objetivos a serem alcançados e do papel de cada integrante, o que só pode ser alcançado com estudo, planejamento coletivo, abertura às inovações necessárias e aceitação dos tempos e das diferenças no espaço escolar (SILVA, 2014, p.27).

Alguns questionamentos surgiam nessas assembleias, comportamento e indisciplina eram os "campeões de audiência", mas também dialogamos sobre questões envolvendo assuntos de familiares, comunidade, escola, ambiente, amizade, conteúdos, enfim tantos outros. Os assuntos sobre meio ambiente, área verde, desmatamento, aumento populacional, terrenos baldio usados como depósitos de lixo, escola arborizada, salas de aula sem estrutura e calor intenso se tornaram cada vez mais comuns nessas discussões, exigindo a necessidade de respostas. Com essa formação dialógica pude perceber que "levar em consideração as condições que propiciem ao

educando fazer-se sujeito na prática pedagógica escolar envolve, entre outras providências, dotar a escola de uma estrutura que esteja de acordo com essa prática democrática" (PARO, 2007, p. 6).

As informações sobre o processo de construção coletiva do projeto foram reafirmadas pela supervisora Fernanda quando comentou:

> Com esse projeto pude perceber que a União literalmente Faz a Força, uniram-se forças de vários segmentos articulados através do seu empenho como professora, e pronto lá, com o empenho de todos, estava o projeto tornando-se possível, mesmo com a resistência inicial de alguns profissionais e do próprio solo da região onde se localiza a Unidade Escolar (Entrevista, Fernanda - 25/04/2018).

Além contemplar as questões da educação ambiental, trazidas e debatidas no coletivo da escola, outra ação envolveu diretamente a minha intervenção como docente junto a turma. Intervenção esta que envolveu a mediação do processo de ensino e aprendizagem através da realização de saídas de campo, como algumas atividades pedagógicas fora de sala de aula. Dentre estas ações destaca-se: a) Visita à casa de estudantes com área verde; b) saídas no bairro em espaços arborizados como na Associação de moradores do Ribeirão, c) caminhadas pelas trilhas do Morro do Ribeirão na busca de antigas nascentes. Desse conjunto de saídas de campo, foram gerados registros de imagens de várias espaços visitados dessa comunidade, que mais tarde se constituíram em instrumentos de dados do projeto de intervenção. Fato que contribuiu para ampliar os debates realizados em sala e para ampliar o entendimento sobre a importância da educação ambiental no planejamento diário, além de sua importância na constituição identitária dos sujeitos envolvidos.

O projeto foi apresentado aos estudantes do quarto ano, os quais acreditaram na realização e sucesso do projeto. Dessa forma, não tinha como voltar atrás, todas as dificuldades foram superadas com a disposição e a vontade de realização dos estudantes, sujeitos do processo e cativados com a proposta, estavam dispostos a aprender e modificar sua realidade. Os estudantes identificaram na escola espaços para o plantio de árvores, mas em decorrência desse processo de observação surgiu um questionamento que orientou o próximo passo do projeto: - será que poderia ser qualquer árvore? Além da pesquisa em referências disponíveis na internet, fomos buscar orientação e auxílio com profissionais do Parque Municipal da Lagoa do Peri.

A bióloga Cláudia, que na altura era responsável pelo centro de pesquisa do Parque da Lagoa do Peri, foi quem nos recepcionou e orientou na obtenção de respostas ao questionamento da turma. Depois da conversa seguimos com uma visita guiada um passeio ao redor do parque, onde ela nos apresentou um vídeo sobre os animais daquele habitat e nos presenteou com doação de algumas mudas nativas para serem plantadas na escola.

Para a realização desse projeto também tivemos a colaboração de alguns estudantes do curso de geografia da UFSC do projeto PIBID, sobre aspectos de aterramento do solo da escola, da importância da profundidade das covas e adubação correta, mas principalmente da manutenção após o plantio.

A empresa da Autarquia de Melhoramentos da Capital - Comcap, colaborou com doação de adubo e a intendência do bairro com a mão de obra para cavar os buracos para o plantio. Também tivemos apoio da assessoria do gabinete de um vereador, através de seus assessores, que orientaram sobre a construção de horta escolar e fotografaram o processo de plantio das árvores.

Além do apoio dos diferentes agentes da comunidade externa mencionados, o projeto contou com apoio e orientação da supervisora pedagógica Fernanda da escola. A mesma teve papel fundamental pois auxiliou na adequação do planejamento pedagógico do projeto de intervenção para que o mesmo estivesse de acordo com os conteúdos programáticos condizentes com o ano e faixa etária dos estudantes. Além da sua presença nos momentos de planejamento, a supervisora esteve sempre presente no desenvolvimento das ações incentivando e colaborando no que fosse preciso.

Dada a relevância da participação da orientadora educacional pelo apoio prestado na altura do projeto, realizou-se uma breve entrevista para saber suas impressões do projeto de intervenção em educação ambiental. Na fala de Fernanda, conseguimos perceber a importância da práxis pedagógica no processo de ensino e aprendizagem para a formação de educandos e educadores:

> A educação ambiental deve sempre ser presente no currículo de todas as instituições educacionais, assim como deve estar presente em todas as disciplinas, porque a natureza e seus elementos estão presentes em tudo, somos parte dessa natureza, nosso próprio corpo é água, sódio, açúcar, e tantos outros elementos da natureza, não precisamos ir muito longe. É necessária uma educação para que as próximas gerações já tenham isso embutido, a preservação da sua própria espécie, que ficou aquém quando o Ter se tornou mais importante que o Ser (Entrevista, Fernanda - 25/04/2018).

Os estudantes empolgados com o projeto seguiam na realização das atividades pedagógicas, como por exemplo: fotografando terrenos baldios com lixo e construindo placas de cuidado com o ambiente; apresentações em outras turmas sobre o projeto; limpeza de espaços na escola como os canteiros da horta; plantios de pequenas mudas de flores na entrada da escola, entre outras.

Foram elaboradas atividades de elaboração de roteiros de perguntas para realização de entrevistas a serem feitas com moradores, no intuito de identificarem os espaços na comunidade do Ribeirão da Ilha no entorno da escola, buscando compreender por que se encontrava devastados assim. Com o resultado identificado, foi possível criar e confeccionar panfletos informativos indicando o cuidado com embelezamento da escola, áreas verdes e de outros espaços no bairro.

Essa diversidade de ações e desdobramentos do projeto de intervenção, mediados pelo ensino por pesquisa, incentivaram as crianças a continuarem com o projeto e identificarem que existem órgãos públicos como IBAMA e FATMA, também responsáveis pelo meio ambiente. Tivemos a oportunidade de organizar uma saída de campo à câmara de vereadores de Florianópolis, e no encontro com os representantes públicos (vereadores) o assunto girou em torno da fiscalização do meio ambiente.

Mesmo não tendo uma conclusão definitiva e de imediato para a questão do desconforto térmico, a avaliação sobre a edificação do projeto, as diversas atividades pedagógicas, colaboraram para confiar aos envolvidos a compreensão de que a preservação contínua é um legado que temos a obrigação de deixar para as próximas gerações.

Atualmente, após quatro anos, através de uma visita à escola, constatei o crescimento de algumas árvores nativas da região plantadas na altura do projeto, a revitalização da horta escolar, a continuidade da separação do lixo, o embelezamento de alguns espaços da escola.

Depois de toda caminhada coletivamente vivida e aqui descrita, pode-se afirmar que atualmente a paisagem da escola está modificada. Porém se não houvesse a solidariedade, parceria contínua de outros sujeitos contagiados pelos mesmos entendimentos da importância da educação ambiental, pela via da construção democrática, com certeza não teríamos o privilégio de confirmar que vale a pena experimentar e fazer do espaço educativo a extensão do nosso cotidiano.

3.1 EDUCAÇÃO AMBIENTAL: CONSTRUINDO CIDADANIA

Antes de descrevermos os impactos do projeto de arborização na comunidade escolar, acredito ser apropriado a descrição sobre algumas dificuldades encontradas nas ações de educação ambiental crítica e transformadora no espaço educativo da escola.

A principal dificuldade encontrada foi realizar uma prática educativa que fosse além do currículo prescrito previamente estabelecido. Dessa forma, era complexo trazer para essa instituição questões culturais que iam além dos conhecimentos sistematizados, as quais englobavam os conhecimentos, valores, filosofia, artes, enfim, diferentes conhecimentos produzidos pela humanidade que não são feitos naturalmente e que contribuem para a formação integral dos sujeitos sociais (PARO, 2002).

Na busca pela formação integral dos sujeitos sociais, que vai além da aquisição dos conhecimentos das disciplinas escolares, percebi a urgência em considerar o trabalho pedagógico pautado na metodologia interdisciplinar e principalmente na transdisciplinar, que permite o aprendizado no contexto das problematizações, identificando a realidade estudada com a vivenciada.

Segundo Zwierewicz (2014, p. 59), a interdisciplinaridade se caracteriza pela integração real das disciplinas, dentro de um projeto, pode ser considerada como "um avanço ao ensino tradicional, estimulando a reflexão sobre a própria estrutura do conhecimento, em função da proposta de superar o isolamento entre as disciplinas". Já a transdisciplinaridade busca a superação da perspectiva fragmentada do ensino, em uma perspectiva contextualizada da vida e do mundo, na busca por sua compreensão. Com a análise dos dados desta pesquisa, pude constatar que trabalhar de forma inter ou transdisciplinar é ainda um desafio no coletivo docente, principalmente por ainda ser a maior parte das instituições regido por práticas tradicionais.

A forma fragmentada da produção do conhecimento, fragiliza a compreensão principalmente dos estudantes de que realmente o viver, o cotidiano não organiza os conhecimentos em partes, mas eles podem ser percebidos de forma global e integrada, como enfatizam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs):

> O trabalho de Educação Ambiental deve ser desenvolvido a fim de ajudar os alunos a construírem uma consciência global das questões relativas ao meio para que possam assumir posições afinadas com os valores referentes a sua proteção e melhoria. Para isso, é importante que possam atribuir significado àquilo que aprendem sobre a questão ambiental. E esse significado é resultado da ligação que o aluno estabelece entre o que aprende e a sua realidade cotidiana [...]. A perspectiva ambiental oferece instrumentos para que o aluno possa compreender problemas que afetam a sua vida, a de sua comunidade, e de seu país e a do planeta (BRASIL, 1998, p. 30).

Nessa perspectiva e na busca por dinamizar o uso de ferramentas tecnológicas, diferentes metodologias, pesquisas, trocas pedagógicas, planejamentos, entre outros, percebi que educar ambientalmente oportuniza a conscientização dos indivíduos para um olhar diferenciado através do processo de ensino e aprendizagem, para entenderem e usufruírem de seus direitos e deveres, na garantia da sustentabilidade e qualidade de vida.

A Educação Ambiental permite intervenções, para a concretização de múltiplas mudanças através da tomada de consciência, principalmente dos envolvidos nas ações de suas diversas realidades dinamizando estruturas e sujeitos.

Ter uma Educação Ambiental construída para cidadania requer dos educadores uma formação profissional de qualidade promovendo uma identidade docente responsável, na qual o educador conheça e compreenda a realidade dos que estão inseridos no espaço educativo.

Outro elemento transformador é a metodologia e as estratégias das atividades pedagógicas selecionadas que complementam o processo de ensino e aprendizagem, provocando mudanças efetivas na desconstrução das práticas de violência para e com a natureza.

A visão consciente transformadora para com o espaço ambiental também ajuda a diminuir o alto índice de degradação e negligência dos órgãos públicos responsáveis pela preservação das áreas verdes, pois somos todos fiscais responsáveis do território geográfico (habitat).

Cada ser humano quando nasce encontra em seu meio social uma sociedade estruturada legalmente com direitos e deveres, para que o cidadão conheça e estabeleça uma relação atuante na sociedade, de cidadania, através de ações éticas. Martins (2000, p. 50) apresenta que:

> A educação como instrumento social básico é que possibilita ao indivíduo a transposição da marginalidade para a materialidade da cidadania, não é possível pensar sua conquista sem educação. Educar, nessa perspectiva, é entender que direitos humanos e cidadania significam prática de vida em todas as instâncias de convívio social dos indivíduos: a família, na escola..., no conjunto da sociedade.

A formação profissional contínua permite perceber a indissociável relação da práxis entre teoria e prática. Na educação ambiental não há como separar, indivíduo e

ambiente, ensinar e/ou aprender educação ambiental. A educação ambiental crítica e transformadora possibilita a inclusão consciente dos sujeitos que não só estão no ambiente, mas são ambiente.

É relevante mencionar uma experiência vivenciada no projeto analisado, que me faz inferir que ele tenha sido uma prática de educação ambiental crítica e transformadora. Esse exemplo é a história de um educando que diante dos vários problemas de indisciplina, estava quase sendo excluído da escola, mas com a realização do projeto de arborização sua trajetória escolar mudou. Seu envolvimento foi intenso, o educando se dispunha a tudo, cavar, plantar, regar, enfim, transformando a habilidade cotidiana do meio familiar, em ensinamentos para a pesquisa, ou seja, ele pode perceber que seu saber também poderia ser conhecimento científico e que os conhecimentos aprendidos na escola também poderiam ser aplicados em sua vida.

A educação ambiental crítica e transformadora proporciona a consciência para educação do movimento social humano, das ações democráticas e socializadoras, por isso a avaliação de um projeto de educação ambiental torna-se particularmente difícil, pois os resultados não têm uma relação direta com uma atividade ou com um estudo sobre um tema específico, mas com a globalidade do cotidiano vivido (TOMAZELLO; FERREIRA, 2001).

As práticas pedagógicas, metodologias, conteúdos, parcerias, e o posicionamento político na perspectiva de uma sociedade construída a partir de diversidades étnica precisam ser considerados na construção da identidade docente contemporânea, uma vez que é também sua responsabilidade a conscientização sobre meio ambiente e suas destruições planetárias.

A prática pedagógica na educação ambiental permite aos sujeitos participantes ter a compreensão de que a escola não vai produzir a transformação sozinha, mas sim contribuir no desenvolvimento de atividades pedagógicas que possam informar que a relação entre homem e natureza é algo intrínseco. De acordo com Hernández e Ventura (1998, p. 75),

> O envolvimento dos estudantes na busca da informação tem uma série de efeitos que se relacionam com a intenção educativa dos projetos [...] aprendam a situar-se diante da informação a partir de suas próprias possibilidades e recursos. Mas também lhes leva a envolver outras pessoas na busca de informações, o que significa considerar que não se aprende só na escola e que o aprender é um ato comunicativo

Portanto o diálogo da educação ambiental perpassa também pela orientação sobre o entendimento de onde está inserida a escola, ou seja, a contextualização do seu

tempo e do espaço histórico, colaborando para que o contexto educativo seja realmente interessante e significativo aos seus frequentadores, educandos e educadores.

A escola na perspectiva da educação ambiental como prática de liberdade, ou seja, crítica e transformadora, oportuniza a produção do conhecimento e da cidadania aos sujeitos. É preciso fazer diferente diante de tantas negligência no que se refere ao meio ambiente, com desmatamento, queimadas, assoreamento, poluição generalizada, escassez de recursos hídricos, entre outros, desastres ambientais. As ações na/com educação ambiental tornaram-se oportunidade para a construção da minha identidade docente, que teve significativa modificação a partir da experiência historicizada nesta pesquisa.

Pude perceber que a educação ambiental num processo pesquisa, no qual os sujeitos participantes estejam motivados em seu processo de construção, como aconteceu no caso analisado, fornece um ambiente de prazer e lazer. Constatei também que as relações estabelecidas neste meio escolar diferenciado permitiram concretamente a produção do conhecimento, contribuindo para empoderamento profissional e individual, assim como as ações em benefício da coletividade social enfatizada no texto da Proposta Curricular Municipal de Educação de Florianópolis:

> É necessário oportunizar o acesso e qualificar a permanência de todas as crianças e jovens na escola; ter o domínio da leitura e da escrita, aprender conhecimentos produzidos historicamente e valorizados no tempo, e, fazer uso deste referencial nas práticas sociais. Aliados a isso, é importante que cada criança e jovem esteja aprendendo na sua idade/série. Acredita-se que as crianças e os jovens são sujeitos ativos de aprendizagem, com possibilidades infinitas de (todos) aprender e, portanto, rebeldes a uma prática unidirecionada à criança e jovem, como se todos fossem iguais, aprendessem da mesma forma (FLORIANÓPOLIS, 2008, p. 15).

A educação ambiental, no estudo de caso analisado, mostrou-se como uma prática transformadora, apresentando outras possibilidades além do ensino tradicional para as crianças aprenderem, como preconizado na Proposta Curricular de Educação de Florianópolis. O projeto investigado oportunizou modificar e ampliar a concepção de sujeitos e de mundo, tanto no contexto educacional formal, como no espaço macro social, proporcionado pelo fazer pedagógico democrático e interdisciplinar.

As escolas e outros contextos educativos que participam da formação dos sujeitos para sociedade contemporânea precisam vislumbrar seres humanos éticos,

justos, que respeitam o meio ambiente na sua biodiversidade, considerando a desconstrução de ações destrutivas e de ilegalidade do espaço territorial.

3.2 EDUCAÇÃO AMBIENTAL E IDENTIDADE DOCENTE

> O fato das coisas serem como são, nãosignifica que elas permanecerão como elas são.
> (BERTOLD BRECHT)

A pergunta inicial nesta seção é: por que levamos tanto tempo para perceber os acontecimentos que de alguma forma num maior ou menor tempo vão afetar o meu, o seu, o nosso, cotidiano no contexto ambiental? A dificuldade para enxergar questões que poderiam ser consideradas óbvias, leituras insensatas, alienação a movimentos sociais, incredulidade nas instituições políticas (órgãos públicos), a sociedade contemporânea que está sempre acelerada sem ter tempo de olhar o outro, ou por acreditar que somos superiores a todos e a tudo, um antropocentrismo exacerbado construído ao longo do tempo histórico, todos podem provocar inércia pessoal e profissional.

Nós, sujeitos sociais, passamos tanto tempo preocupados com nosso egocentrismo, que perdemos a conexão com a natureza e mesmo quando alguns acontecimentoschamam a atenção para as questões do meio ambiente, a sensibilidade para consciência reflexiva humana pode não acontecer.

Entretanto, a mudança para um olhar aguçado sobre as questões do meio ambiente se torna viável dentre tantas oportunidades, a partir de1968[4], através da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura(UNESCO). Essa

---

[4]A "Conferência de Estocolmo em 1972, os congressos sobre educação ambiental promovidos pela UNESCO, em Tbilisi, (Geórgia) 1977 e 1987 (Moscou) preocupados com o desenvolvimento sustentável, e após vinte anos a Eco-92, surgem: O "Congresso Mundial para a Educação e Comunicação sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento", Toronto, Canadá, (1992); "Congresso Sul-americano continuidade da Eco-92" argentina (1993); "Conferência dos Direitos Humanos",Viena, Áustria (1993); "Conferência Mundial da População" Cairo, Egito (1994); "Conferência para o Desenvolvimento Social"; Copenhague, Dinamarca (1995); "Conferência Mundial da Mulher", Pequim, China (1995); "Conferência Mundial do Clima", Berlim, Alemanha (1995); "Conferência Habitat II", Istambul, Turquia (1996); "II Congresso Ibero-americano de Educação Ambiental", Guadalajara, México (1997); "Conferência sobre Educação Ambiental" em Nova Delhi (1997); "III Congresso Ibero-americano de Educação Ambiental: povos e caminhos para o desenvolvimento sustentável", Caracas, Venezuela, (2000); "IV Congresso Ibero-americano de Educação Ambiental: um mundo melhor é possível", Havana, Cuba (2003); "V Congresso Ibero-americano de Educação Ambiental", Joinville, Brasil (2006); e IX Fórum Brasileiro de Educação Ambiental - IV Encontro Catarinense de Educação Ambiental Balneário Camboriú, Brasil, (2017).

instituição realizou estudo sobre educação ambiental e apresentou a complexidade deste tema, a forma interdisciplinar e transdisciplinar para que as escolas possam iniciar a recuperação do processo de ensino e aprendizagem com enfoque em uma efetiva transformação planetária.

Tanto investimento para a compreensão de que o planeta, uma conexão de homem e natureza seja urgentemente cuidada a legislação da Política Nacional de Educação Ambiental, instituída pela Lei n.º 9.795/99, que no art. 10, §1º, dispõe: "A educação ambiental não deve ser implantada como disciplina específica no currículo de ensino", mas como conteúdo transversal permitindo que todas as disciplinas possam e devem trabalhar para a consciência de sustentabilidade mundial. Foi dessa forma que procurei desenvolver o projeto analisado nesta pesquisa.

As ações de educação ambiental como a desenvolvida, devem ser um compromisso permanente de todos, não existe um determinado tempo para se iniciar e/ou encerrar os conhecimentos, pois as ações humanas estão permanentemente imbricadas no ambiente. Foi o comprometimento e envolvimento de todos que fez com que o projeto tivesse reflexo significativo na comunidade em que estava inserido.

A educação ambiental como tema transversal, atinge uma abrangência inesgotável de conhecimento, permitindo ao profissional de educação de qualquer disciplina mediar os conteúdos específicos de forma dinâmica e significativa com conceitos e processos complexos próprios das questões ambientais.

> A problemática trazida pelos temas transversais está contemplada nas diferentes áreas curriculares. Está presente em seus fundamentos, nos objetivos gerais, nos objetivos de ciclo, nos conteúdos e nos critérios de avaliação das áreas. Dessa forma, em todos os elementos do currículo há itens selecionados a partir de um ou mais temas. Com a transversalidade, os temas passam a ser partes integrantes das áreas e não externos e/ou acoplados a elas, definindo uma perspectiva para o trabalho educativo que se faz a partir delas (BRASIL, 1998, p.32).

Portanto, Educação Ambiental não é algo a parte da vida dos indivíduos, como se viu nas ações do projeto analisado, ela se constituiu intrinsecamente e principalmente no cotidiano, conforme atitudes, ações e saberes. Defendo que as práticas de educação ambiental desenvolvidas no projeto foram transformadoras, pois pelos dados analisados elas se constituíram a partir da interação dialética entre os sujeitos envolvidos, pelo diálogo aberto, pela troca de novos saberes, modificando as identidades dos sujeitos, inclusive a minha que me constituí como educadora ambiental a partir das relações estabelecidas nesse contexto.

A fala da supervisora Fernanda, durante a entrevista, também demonstra seu processo de aprendizado e que ela também foi se constituindo educadora ambiental a partir das relações estabelecidas no projeto.

> Ao participar do projeto pude perceber que a educação ambiental deve ser sempre trabalhada dentro da escola, o contato com a natureza realmente nos ensina muito, nos revigora. Desde a visita ao Parque Municipal da Lagoa do Peri onde as crianças foram presenteadas com as mudas, o contato com a água cristalina e limpa da Lagoa, o ar puro, todos esses elementos com certeza nos ensinam que é possível o ser humano viver em harmonia com a natureza e que essa vivência só nos traz benefícios. Aprendi que essas questões também se ensinam e se aprendem na escola, que podemos ser educadores ambientais (Entrevista, Fernanda - 25/04/2018).

No contexto contemporâneo podemos considerar que o entrelaçamento da educação ambiental com identidade docente está impactando a concepção que temos de nós mesmos, seres envolvidos pela globalização, tecnologias avançadas, desgovernabilidade política e econômica, e tantos outros fatos do contexto brasileiro. Considerar tais acontecimentos talvez seja o caminho inicial para a construção da identidade docente transformadora.

A identidade é cultural e social, formada a partir das interações que estabelecemos constantemente durante a vida, marca o estabelecimento de limites entre quem faz ou não parte de determinados grupos, como o de educadores ambientais (SILVA, 2014). Para o educador que convive constantemente num contexto dinâmico e problematizador da sociedade contemporânea, a construção da resiliência pode ser a estrutura equilibrada para a conquista da reconstrução tanto da identidade pessoal como social intrínseca aos sujeitos, pois:

> A identidade não é algo que se possua, mas sim algo que se desenvolve durante a vida. A identidade não é um atributo fixo para uma pessoa, e sim um fenômeno relacional. O desenvolvimento da identidade acontece no terreno do intersubjetivo e se caracteriza como um processo evolutivo, um processo de interpretação de si mesmo como pessoa dentro de um determinado contexto. Sendo assim, a identidade pode ser entendida como uma resposta à pergunta "quem sou eu neste momento?" A identidade profissional não é uma identidade estável, inerente, ou fixa. É resultado de um complexo e dinâmico equilíbrio onde a própria imagem como profissional tem que se harmonizar com uma variedade de papéis que os professores sentem que devem desempenhar (MARCELO, 2009, p.112).

Nesta perspectiva, ressalto a importância do meio social, dos diversos sujeitos, para construção de identidades que tenham como enfoque um perspectiva crítica e reflexiva em educação ambiental. Sampaio e Wortmann (2014, p. 101), com base em

Canclini, afirmam que, “estamos mergulhados em uma variabilidade de regimes de pertença, pois vivemos em um mundo que desafia qualquer tentativa de ordená-lo em identidades puras”. A partir dos relatos feitos sobre o projeto analisado, pude perceber que somente no hibridismo cultural das identidades, podemos nos assumir enquanto educadores(as) que poderemos aprender, ensinar, desenvolver e compreender, o quanto é necessário a criatividade, a formação contínua e a persistência na qualificação profissional para a dialogicidade na Educação Ambiental.

Acredito que entre tantos desafios, o movimento para o envolvimento da Educação Ambiental está na superação de aprender a ensinar a nós mesmos, adultos profissionais, a importância de conscientizar sobre o movimento ambiental, favorecendo, fortalecendo e estimulando o discurso que perpetua uma educação ambiental crítica e transformadora. Como destacam Sampaio e Wortmann (2014, p. 230, grifo das autoras) “*fabricamos* nossas identidades, costurando retalhos de narrativas que nos acessam, ao mesmo tempo em que *somos fabricados* por essas mesmas narrativas”.

Ao rememorar a experiência de educação ambiental historicizada neste texto, não vi apenas quem eu era no passado, mas tive a oportunidade pensar quem eu sou agora e que educadora ambiental pretendo ser a partir desta significativa experiência vivenciada. Não mostrei uma fotografia exata do que foi vivenciado naquele momento, mas aspectos que ajudaram a formar minha identidade atual e que apresentam reflexos na educadora ambiental que pretendo me formar, nesse processo constante de constituição identitária (GUEDES-PINTO, GOMES e SILVA, 2008). Os fatos do passado foram analisados e pensados com a memória de hoje, foram reconstruídos com o apoio dos referenciais teóricos que nortearam esse texto e dos materiais que foram instrumentos metodológicos desta pesquisa. A partir deles pude reviver e compreender a experiência investigada a partir dessa oportunidade escrita reflexiva.

Não sou a mesma que iniciou a graduação, que vivenciou as experiências de educação ambiental aqui descritas, que cursou a especialização em educação ambiental com ênfase em formação de professores do IFSC-SJ. Sou um misto de todas essas vivências, com o forte desejo de continuar meu processo de formação como educadora ambiental, ciente do muito que aprendi e que ainda tenho que aprender, e na busca por contribuir com práticas pedagógicas emancipatórias no processo de formação de outras identidades que continuarão a me formar como educadora ambiental. Essa caminhada reflexiva permitiu poder afirmar que eu fui educadora ambiental e, ainda, que estou

sendo educadora ambiental, embora eu não tivesse a real percepção dessa designação enquanto estive a vivenciá-la.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por entender que educar é um processo contínuo, faz-se necessário construir uma metodologia de educação ambiental nas escolas e para o cotidiano dos sujeitos, que garanta a realização das perspectivas, sonhos, projetos e ideias de se tornarem realidade.

É importante salientar que a educação ambiental não se resume a um projeto temporário com data de validade. Educação ambiental além de exigir a participação do coletivo escolar, considera importante ações contínuas para mudanças conscientes do cuidado com a degradação que sofre o planeta com a evolução da humanidade. O desenvolvimento do projeto analisado neste texto, traz para o debate um projeto de intervenção desenvolvido a partir da mediação de uma professora admitida em caráter temporário, o qual poderia ser provisório e passageiro, por ser coordenado por uma profissional que não permaneceria no ano seguinte na instituição. Contudo, os sentidos e significados atribuídos ao projeto, foram coletivamente construídos, resultando na participação de diferentes sujeitos da comunidade escolar, o que possibilitou sua continuidade e reflexos na comunidade escolar. Esse fato exprime a relevância de visibilizar ações como essa, que modificam e transformam o ambiente e os sujeitos que dele participam.

A prática pedagógica da educação ambiental exercita o olhar para enxergar além dos muros das escolas. Possibilita o encontro entre a realidade histórica, de imprudência com o ambiente, cultivada pela humanidade e a transformação urgente de ações políticas e econômicas, através de um macro movimento social, exigindo a atuação de órgãos públicos para o cumprimento de leis de proteção ambiental, como forma de conservação do espaço global.

Com base nos dados desta pesquisa, considero que toda e qualquer ação que afete o coletivo deve realmente ser discutida no coletivo. Especificamente sobre educação ambiental, a abordagem inter e transdisciplinar oportuniza enxergar a extensão da complexidade que a sociedade vivencia atualmente, com ações arbitrárias contra o meio ambiente, constituindo-se como uma possibilidade de conscientização e modificação dessas ações.

Percebi também a importância de termos consciência e responsabilidade com nossas ações com o outro, pois somos seres sócio históricos. Isso significa que temos uma relação cultural e afetiva com o nosso passado, presente e futuro, e, consequentemente com as diferentes relações estabelecidas entre homens e mulheres, sejam elas conflituosas ou prazerosas, no espaço social.

A práxis da educação ambiental implica reconhecimento de sua importância nos processos de escolarização, o que também implica participar do fazer desse tipo de conhecimento científico, que por hora, sabemos, permanece, muitas vezes, apenas na transversalidade dos parâmetros curriculares. Por isso a importância de historicizar práticas consideradas positivas vivenciadas nas práticas educativas, para dar voz aos educadores e sujeitos que participam dessas experiências, até então invisibilizadas, possibilitando a propagação dos discursos e práticas de educação ambiental críticas e transformadoras.

Foi através desta experiência que tive a compreensão da discordância da expressão tão comumente usada por alguns profissionais, os quais afirmam que, para sermos bons profissionais temos que separar as questões pessoais das profissionais.

A minha experiência como educadora e mediadora no processo de ensino e aprendizagem demonstram o contrário, pois como afirma Brandão (2002, p. 323) "*Ser educador é estar sempre comprometido com a vida"*. Acredito que querer separar o aprendizado profissional do pessoal é criar para si mesmo e para o coletivo o distanciamento e a exclusão da práxis pedagógica. Constituímos nossa identidade a partir de todas as interações que estabelecemos. As identidades de educadores ambientais interagem, influenciam e são influenciadas por outras identidades que também possuímos como a de mãe, esposa, consumidora, professora… (SAMPAIO; WORTMANN, 2014).

A possibilidade de mudanças do projeto educativo, muitas vezes, está aguardando apenas o questionamento de algum educador, educando ou da família. O compromisso pedagógico dos profissionais da educação e envolvimento com a educação ambiental é sim uma possibilidade para pensar o sujeito como protagonista da realidade atual e futura, como formado e formador de uma educação para a cidadania que se constrói dialógica e dialeticamente a partir das interação e vivência dos sujeitos nela implicados.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli E. D. Afonso de **Etnografia da prática escolar**. Campinas SP, Papirus, 2007.

BRASIL. MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais** (5ª a 8ª séries). Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Educação popular na escola cidadã**. Petrópolis, RJ, 2002.

BRÜGGER, Paula. **Educação ou adestramento ambiental?** Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999. 159 p.

FLORIANÓPOLIS, Prefeitura Municipal de. Secretaria Municipal de Educação. Departamento de Educação Fundamental. **Proposta Curricular**/ Prefeitura Municipal de Florianópolis. Florianópolis, 2008.

GUEDES-PINTO, Ana Lúcia; GOMES, Geisa Genaro e SILVA, Leila Cristina Borges. **Memórias de leitura e formação de professores**. Mercado das letras: Campinas, 2008.

HERNÁNDEZ, F.; VENTURA, M. **A organização do currículo por projetos de trabalho**. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

HORNBURG, Nice e SILVA, Rubia da. Teorias sobre currículo: Uma análise para compreensão e mudança. **Revista técnico científica do ICPG.** vol. 3 nº 10 jan.-jun./2007.

LOUREIRO. C. F. B. **A questão ambiental no pensamento crítico**: natureza, trabalho e educação. Rio de Janeiro: Quartet, 2007. (no prelo)

MARCELO, Carlos. A identidade docente: constantes e desafios. **Form. Doc.**, Belo Horizonte, v. 01, n. 01, p. 109-131, ago./dez. 2009. Disponível em <http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br> Acesso em: 02 de jun. de 2018.

MARQUES,LucianaR.;NASCIMENTO,PriscilaX.S.Asinterfacesdaparticipaçãodafamílianagestãoescolar.In:**34ªReuniãoanualdaANPEd-GT**:EstadoePolíticaEducacional, 2011.

MARTINS, Rosilda Baron. Educação para cidadania: o projeto político pedagógico como elemento articulador. In: **Escola: espaço do Projeto político pedagógico.** São Paulo: Papirus, 2000.

PARO, Vitor H. Implicações do caráter político da educação para a administração da escola pública. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 11-23, jul./dez. 2002.

_____. Estrutura da escola e a prática educacional democrática. In: **30ª Reunião anual da ANPEd - GT**: Estado e Política Educacional, 2007.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. trad. Daniel Grassi - 2.ed. - Porto Alegre: Bookman, 2001.

REIGOTA, Marcos. **Meio Ambiente e Representação Social**. São Paulo: Cortez,1995.

REIGOTA, M. **O que é educação ambiental.** São Paulo: Brasiliense, 2014. 108 p.

SAMPAIO, Shaula Maíra Vicentini de; WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. Ser educador ambiental: entre retalhos de textos de identidade. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**. Ed. Especial Impressa - Dossiê Educação Ambiental, jan/jun, 2014.

SEGURA, Denise de Souza Baena. **A Educação Ambiental na escola pública**. São Paulo: Annablume, 2001.

SILVA Tomaz Tadeu (Org). **Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais**. 15ª ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TOMAZELLO, Maria Guiomar Carneiro; FERREIRA, Tereza Raquel das Chagas. Educação ambiental: que critérios adotar para avaliar a adequação pedagógica de seus projetos? São Paulo. **Ciência & Educação**, v.7, n.2, p.199-207, 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v7n2/05.pdf>. Último acesso em: 17 fev. 2018.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In:SILVA Tomaz Tadeu (Org). **Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais**. 15ª ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marilia Pinto de; VILELA, Rita Amélia Teixeira. **Itinerários de pesquisa**: perspectivas qualitativas em sociologia da educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ZWIEREWICZ M.; **Material didático curso de Pós-Graduação Especialização Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJ**A. Unidade Curricular SEMINÁRIO DE PESQUISA E INTERVENÇÃO I. Florianópolis – SC. IFSC, 2014.